

A TORRE DE BABEL.

CADA LOUCO COM O SEU TÊMA.

Bandarra prof. 9999.

Subscrire-se para esta Folha, que apparece ás Quartas e Sabbados, na Typ. de Gueffier e C^a rua da Quitanda, n.º 79, a 2000 Reis por trimestre, pagos adiantados; e vendem-se Numeros avulsos na mesma, e nas lojas do costume.

RIO DE JANEIRO. TYPOGRAPHIA DE GUEFFIER E C^a.

2.ª CARTA.

Illm.ª Sra. Aurora Fluminense, alias Aurora Doreal.

Minha querida Companheira: mais huma epistola em 21 como a de 16 do corrente; mais hum falso como aquelle das *turquidades* do Padre Feijó; mais palavras, e menos razões; paciencia, pois não me fica outro remedio sinão o desejar-vos huma boa contrição para a quaresma immediata. Dizeis que estais habituada á receber insultos de *aventureiros* que pertendem leccionar-vos em vossa casa, e que a Torre de Babel vos irrogou o mais pungente de todos esses *grandes insultos*, chamando cobardes não sei á quem; no que quizestes exprimir duas idéas distinctas: a 1.ª que sou aventureira, e a 2.ª que chamei cobardes os meos Patriotas; pois mentisteis duas vezes como tendes de costume. ¿A quem chamaes aventureiros? Fallai claro como eu costumo. ¿O que significa esse termo? homem que busca aventuras, em cujo caso ninguem mais aventureira que vós, apesar do *uso*; de sorte que bem pôdeis dizer, os

*Amigo Bartholomeo,
O mundo admirado está
Do pouco que se vos dá
O muito que se vos dão.*

Todavia, parece-me estar-vos vendo com cenho airado limpando o *Catado* para desfrontar a injuria dos 400 veteranos, porém bradando ao mesmo tempo pela ajuda da *nossa vaidade ofendida* por tanta *insolencia*, como dizeis—Dir-vos-hei, que não foi minha intenção atacar os Brasileiros como maliciosamente supondes; conheço-os melhor do que vos para fazer-lhes tanta injustiça; falei de huma tropa insubordinada, que atropelando todas as leis da disciplina, se tinha apresentado em tumulto no vosso *Campo da Honra*. ¿Como podeis vós julgar desse acto, vós que nao conheceis a essencia da forza armada? visteis alguma vez huma

sedição de muitos miles de homens agueridos, contida pela unica presença de hum General? Pois si nada tendes visto, como ousais falar naquillo que ignorais? Si D. Pedro foi *Chefe*, segue-se que os sediciosos fossem *vaidades*; que tem de commun mil soldados insubordinados, de quem unicamente falei, com a Nação Brasileira de que erão huma insignificante parte, para que *terginersando a verdade como tentes de costume*, digais que chamo Cobardes aos Brasileiros? e direis logo que raciocinaes como hum Seneca? Dizeis que ha *argucia* quando digo, que si D. Pedro quizesse abraçar a seus Augustos fillos, deviamos recebê-lo como ao Pai do Imperador e como á hum hospede nacional; e partindo deste principio dedusis maliciosamente que pertendo dizer com isto que *si viesse de hum modo hostil entregar-nos-hiamos como Cordoiros*, de parte de quem está a argucia? Onde conclussemelhante disparate? Podeis imaginar que o ex-Imperador viesse ao Brasil com hum Exército portuguez para reduzir-nos á escravidão? Fallai com franqueza huma vez se quer em vossa vida—e si isto succedesse, ¿seriais vós capaz de apresentar-vos á combate-lo? Parece-me estar-vos vendo entallada no alçapão de huma ratoeira pedindo misericordia aos vivos e aos mortos, e abjurando até a religião de vossos pais—¿Sabeis quem se presentaria em Campo á debella-lo, á fazer-lhe morder o pó que ousasse pizar com semelhante desígnio? aquelles á quem cobardemente chamaes (como huma regateira) escravos de D. Pedro. Companheira, isto não vai bem; com menos fogo que este tenho visto arder muita coivara.

O resto da vossa carta he suportavel, porém o começo he *insolente*, e nem sempre ha em esse *Le-Roy* para expellir a bilis que se exalta em semelhante linguagem. Opponde factos á factos, razões á razões, decencia á decencia, e nos entendo e respondemos então.—Não he minha intenção responder-vos por ora

porque tenho muito que fazer; por he mister que vos advirta que não passarei sem claro e que tornarei a vós logo que o publico se imponha da marcha do meo Jornal. Aqui não ha *argucia*, não ha *ardil*, ha mais sinceridade do que quereis, e estou pronto á arrostar tudo por esta Patria, que me custa mais caro que á vós. Repito-vos que sou em extremo tolerante, e que si algum desejo me anima de coração, he a fusão dos Brasileiros de boa fé, sem cuja união não ha salvação, não ha vida para ninguém; porém para isto he mister que nos entendamos como entes racionais, renunciando as bravatas e os proprios elogios; estamos sobre huma mina, e temei ser a primeira que lhe ataque fogo, em cujo caso *Deum de Deo*, quero dizer, de nó que der.

Vossa amiga e companheira

A Torre de Babel.

PRELIMINARES DE PAZ.

Si a franqueza he sempre o mais bello ornamento do homem social, ella aperfeiçoa o quadro do Escriitor publico; sem a qual não ha boa fé, nem dignidade no homem que toma á seo cargo fallar aos seus semelhantes. He pois com hum fim muito louvavel que eu me dirijo aos meos Consocios, Escriitores publicos do Rio de Janeiro, para estabelecermos huma regra de conducta que regule á todos, e obrigue *honrosamente* á cada hum em particular.

Ninguem duvida que insultar não he persuadir, e que hum desaforo não he razão; logo o escriptor que insulta á outro, aberra dos principios universaes da urbanidade, e do senso commum; porém como em huma época tão fecunda em successos desagradaveis não pode chamar-se á juizo quem não pensa como nós, seja-nos permittido se quer opormos razões á razões, factos á factos, ou hum vergalho á huma insolencia. He necessario convir em que o homem que huma vez perdeo o pudor á força de ouvir desaforos, não serve mais para nada; em cujo caso, ou he necessario que nos armemos de pés e mãos para repellar os insultos com vias de factos, ou convem que nos entendamos como entes racionais. Me parece o segundo mais adequado á nossa especie, e como homem he que eu proponho aos meos Co-Irmãos a seguinte regra de conducta:

Si algum Redactor se julgar offendido individualmente por outro; isto he, no que toca á sua pessoa, e não ás suas idéas, póde dizer-m'o com franqueza no seo jornal, e

convidar-me á que nos entendamos; conviremos no dia em que nos devamos ver, e logo que de cara á cara me prove (com razões, *bem entendido*) que eu fui injusto, prometto soh minha palavra cantar a *Palinodia* na Torre de Babel; si eu disser algum dia que *huma sociedade inteira he malvada, e que os seus membros são hums assassinos, e ladrões*, estou pronto á sofrer de cada hum a pena da ousadia. Si algum Redactor me provar com decencia que eu fui injusto para com alguma pessoa, de qualquer condição que seja, estou pronto á desdizer-me com a mesma franqueza com que emitti a opinião errônea, ou falsa. Não tenho vergonha de dizer que não sou infallivel, ou que tenho defeitos; sou homem, e tenho muitos defeitos, entre elles, paixões violentas que na minha vida me tem conduzido á scenas bem desagradaveis e incommodas; he por isso mesmo que não deo ser provocado. Não permitto que me digão que não dou a cara, e que me occulto debaixo da capa do mysterio; não; estou pronto á fazer-me conhecer do homem que exigir de mim esse segredo, sempre que seja pessoa bem educada, e de são costumes, pois que prefiro entender-me com razões á disputar á couces, e á dentadas; exercicio de armas este, á que nunca me dediquei na minha vida; por isto temo sahir perdendo n'elle.

COMPENSAÇÕES.

He hum gosto o ver a luta dos Jornaes da Capital; todos hostis, todos enclorichados arreganhão os dentes; e se encurvão como o porco espinho, para lançarem setas hums contra os outros; a polemica consiste em ver qual d'elles ha de primeiro dizer hum insulto, ou levantar hum desafio ao seo contrario; dizem hums que os *Caramurus* são assassinos, dizem os outros que a Sociedade Defensora quer assassinar o Monarca; dizem os primeiros que o Sr. C. O. mandou matar não sei á quem; dizem os segundos que o Sr. C. C. mandou hum Cabocolo, não sei para que, ao Rio de Janeiro; dizem aquelles que a Conservadora mandou huma commissão de escravos á saudar á seo senhor no Porto; dizem estes que a Defensora mandou commissões ás Provincias para intrigar em sentido do partido reinante; hums fallão nos tiros da Praça do Commercio, os outros nos do Theatro; aquelles maldizem á José Clemente, estes ao Padre Feijó; hums amaldiçoão o *azurrague* de D. Pedro, e os outros o *vergalho* da Regencia; em fim não ha requebro nem *repinico* inclindroso que não se tenham dito mutuamente, e cada hum está muito ufano com a maxima

de Maquiavelo, que diz — calunhia á teu inimigo, e alguma cousa lhe ficará. — O certo he que si existisse hum Povo como o do que pode formar-se idéa pelos Jornaes do Rio de Janeiro, merecia a pena de fazer-se huma cruzada contra elle para exterminá-lo, como huma raça réproba, e indigna de viver em sociedade com o resto do genero humano. — De duas huma, ou nada do que se tem dito he verdade, que he o mais certo, ou somos o Povo mais desprezível da terra. Graças aos escriptores publicos do Rio de Janeiro. —

MEU MODO DE VER AS COUSAS.

Dizem que o Catão se tem empregado mais de huma vez em provar que a Regencia he de *facto*, e não de *direito*, por hums motivos que elle lá sabe, e que nisso tem gasto suas folhas de papel. Ora bem, supponhamos que omco Catão tem subeja razão; e se apcará a Regencia do seu posto só por que lhe digão que he de *facto*? Creio que não será tão *tola*, e perdac-me a expressão; logo, com que objecto se enctou esta discussão? Si he para que a Camara de Deputados nomee outra Regencia, estou quasi certo de que não o fará; por tanto não fica outro partido senão o de huma revolução contra a mesma Regencia. Pergunto agora: Conviaria actualmente huma revolução com este fim? A quem nomeariamos Regentes? Farião os Successores mais ou melhor do que os actuaes? Onde estão esses genios, esses talentos, ou essas notabilidades para que possamos esperar-nos de huma melhora na administração? Digo com toda a franqueza ao meu Collega, que as carnes si me arripião quando peço em huma nova revolução, em hum motim ou sedição; e he só por isto que o amaino o 7 de Abril, que abriu a porta a todo genero de desordens. Isto não he dizer que a Regencia seja huma grande cousa; em quanto á mim, ella não vale nada; a sua legalidade não serve de argumento, porque bem legal era D. Pedro e foi-se embora; assim como a sua illegalidade não a pôe fóra da sela si o *potro não carceva*. Não he por alli que vai o gato aos filhoses; a unica illegalidade bem fundada he esta: qual he o fim dos governos? Fazer a felicidade dos Governados? Pode esperar-se nenhum bem do actual governo, ou do talento, saber e virtudes dos seus membros? *Hac opus.....*

HOSPICIO DE JERUSALEM.

Tem-se formado no Brasil huma nova Ordem de Leigos de Jerusalem com o fim de remir cativos; porém esta Ordem não tem por objecto manumitir os escravos como

nos Estados Unidos ou nas Republicas Españholas. Ai ha juntas de manumissão com o fim de proporcionar a liberdade aos infelizes Africanos, porém aqui longe de pensar-se nisso, se pertende manumitir a gente livre, e os escravos ficão escravos; á titulo de rozarios, veronicas, leite da virgem, dentes de Santa Apollonia e outras *burundangas* d'esta especie que nos vendem bem caras, guereim fazer-nos tragar que somos escravos, e que devemos manter, suster e alimentar aos taes Confrades do Hospicio, que são, nem mais nem menos, huma praga como aquella que nos vinha de Portugal *in illo tempore*, e de que estamos felicemente livres; sem embargo, por hum maldito systema de compensação, que não he o de M. Azais, mas que lhe anda mui de cerca, ainda pagamos para remir cativos, e estes cativos somos nós. Dizem os papeis *moderados* (Anjo valha o seo Agoiro) que todos quantos não pensão como elles, são escravos de D. Pedro, de sorte que este seo criado tambem he escravo; que tal!! Ora bem, convenhamos que assim seja; resta á saber si os taes escravos quereim ser remidos; si o não quereim, he muito provavel que os taes Redentores saião crucificados, e a razão he muito clara, pois desde o 1.º Redentor até o ultimo, de que eu tenha noticia, todos am sido agoitados, crucificados e postos á vergonha publica. Serão os Redentores do Brasil a excepção da regra? Vamos adiante. Quem nos chama escravos de D. Pedro? Alguns que forão escravos do Chalaga, do João da Rocha, e muitos que oforão da Marquiza de Santos; outros que sendo mais escravos, se manumitirão, porque não lhes derão hum habito ou hum officio; outros que tendo sido inimigos da Independencia, chamão-se agora seus defensores; outros que tendo advogado a Causa de D. João 6.º, forão, são e serão eternamente inimigos de seo filho e de seo neto; outros que especularão sobre a debilidade de D. Pedro para sacar della partido para si; outros que, escravos das suas paixões, ou dos seus vicios, são incapazes de ser *livres* em hum povo livre, e só merecem este titulo em hum povo corrompido, onde a audacia he virtude e a ignorancia merecimento. Convenhamos em principios para não discrepar nas consequencias: he hum insulto ao Povo brasileiro esse tropel de epitetos indecentes com que os papeis *moderados* enxovalhão todos os dias á huma classe numerosa, qual he a descon-tente hoje com os resultados do 7 de Abril. Si não mudão de lingoagem, calculem pelo menos a consequencia de huma continuada provocação. Isto não he ameaça, he conselho; e sirva-lhes de regra que do inimigo o conselho. Para concluir este art., que li-

com mais cumprido do que eu queria, direi que todo elle não contem sinão huma allegoria, e que estou longe de pensar que no Brasil haja escravos nem Alfaceques; todos somos Brasileiros, e basta por hoje.

ELEIÇÕES.

Dizem os Jornaes dos dous partidos que as eleições vão á salvar ou á enterrar o Brasil, segundo o partido que ficar de cima; e cada Arauto, tocando a trombeta do dia de juizo, chama ás mezas parroquias os vivos e os mortos para elegerem os Candidatos que cada qual já tem preconizado. Quem vencerá nesta luta? Não sei, porém será muito provavel que o que ficar de baixo não será por falta de diligencia, sinão porque não pôde mais; sem embargo, o que perder a Dama dirá ufanamente: « Os outros intrigarão, cabalarão, fizeram e acontecerão, e nós deixamos tudo ao Deus daí, e por isso fomos vencidos, ainda que somos os mais honrados, os mais... os mais... etc. » — Isto he o que succede em todas as partes onde ha systema representativo, com a differença de que em Inglaterra as eleições custão muito dinheiro, nos Estados Unidos são de graça, e em França o Governo he quem faz tudo; de sorte que os Ingleses comprão, os Nortes Americanos cabalão, e os Franceses são impassíveis em materia de eleições—he pois em Inglaterra onde se dá mais valor á Representação nacional, porque tambem he o Povo que melhor conhece a sua importancia politica. No Brasil as massas são impassíveis, pouco lhes importa o que vai por este mundo, com tanto que as deixem tranquillas; ficão só em Campo os que calculão nos seis mil cruzados, que não são para desprezar em tempo de fome, ou aquelles que occupão altos destinos dependentes da legislatura. Querem acabar com a caballa das eleições? Acabem com os 6 mil cruzados, e ninguem quererá ser Deputado, ou Senador, ainda que fação os primeiros vitalicios e aos segundos hereditarios. O anno passado a Camara de Deputados em França dissolvo-se por si mesma sem o encerramento real, porque todos se largarão para suas casas, logo que excedeo o tempo que cada hum calculou que podia estar ausente d'ellas; em Inglaterra isto não succede já-mais; hum Inglez não abandona o seu posto sinão á bayoneta. No dia em que tenhamos o patriotismo dos Ingleses, poderemos ufanar-nos das nossas eleições; por ora contentemo-nos sómente com cabalar para que os intrigantes não nos chupem o sangue; alerta pois contra os morcegos politicos.

EDUCAÇÃO.

Ainda conservamos os resabios do antigo regimen no que toca á costumes e educação. Se cre que esta não pertence sinão á certa classe privilegiada, que tem direito á viver n'hum collegio, e á receber tal ou qual elemento de civilisação com huma rotina mui grosseira. Esta mesma classe se divide em dous bandos, dos quaes huus estudão para Advogados, e outros para Clerigos, de sorte que todo, e qualquer officio ou beneficio, que não seja o Foro, ou o Altar, não se reputa educação. A quantos conhecemos nós que terião sido excellentes Pintores, Ourivés, Ferreiros, etc., e que não são tão poucos mãos Advogados ou Juizes? Quantos serião insignes Mathematicos, excellentes Físicos, eximios Naturalistas, porém pela sua má educação ficarão reduzidos á classe de Clerigos mui ignorantes, e alguns não mui catholicos? Disto nasce a idéa de que só para certa gente ha educação, porque toda a Nação não pode dividir-se entre Clerigos, e Advogados; porém como esta gente forma huma parte mui minima, segue-se que a massa da nossa população fica toda sem educação, e por consequencia sem costumes. Eu quizeria que víssemos outros povos, onde ha classes, para que aprendessemos a maneira de dar huma educação proporcionada á todo o mundo. Cremos que com ter huma Universidade em cada Provincia está tudo feito; sem lembrar-mo-nos de que sómente huma educação elemental he o que nos pode salvar. Como queremos leys sem costumes? Como queremos costumes sem educação? Onde está a quer huma escola de moral christã? Huma educação racional, como nos Estados-Unidos, comprehendida entre a industria e a moral, seria sufficiente para melhorar os nossos costumes, ainda que tivesse os poucos theologos e poucos Advogados.

HIPOCRISIA.

Ha épocas em que, do mesmo modo que a peste, a enfermidade consome-se e perde a sua malignidade, sem que para isto seja necessario nenhum auxilio externo; porém he indispensavel que passe tempo. Em Roma consultavão-se todavia as entranhas das victimas 300 annos depois de ter dito Cicero que não podia já hum *Agrippa* encontrar á outro sem rir-se. Ainda vemos no Brasil Procissões, festas de Igreja, repiques de sinos, fogos do ar, e missas cantadas, e no fundo nenhuma religião. Fora de desejar mais sinceridade e menos aparato; quero dizer: mais religião, e menos hypocrisia.